

Maria Gabriela Llansol

A PALAVRA
IMEDIATA

LIVRO DE HORAS IV
(OS PAPÉIS AVULSOS DE LLANSOL)

selecção, transcrição, introdução e notas

JOÃO BARRENTO

ASSÍRIO & ALVIM

2. A palavra imediata

*Vou começar a constituir o teu arquivo,
não cemitério de textos,
mas lugar de textos antes
de nascerem...*

(M.G. Llansol, Avulso FAm893r)

*... o movimento, o momento e a precariedade da escrita...
o texto imediato que se levanta para, numa perda
de continuidade, dar lugar a outro.*

(M.G. Llansol, Caderno 1.51, p. 7)

Este quarto volume do Livro de Horas não resulta, como os anteriores, da sequência cronológica dos diários manuscritos, mas é totalmente constituído por papéis avulsos dispersos existentes no espólio de Maria Gabriela Llansol. Mais de dois terços desses avulsos (num total de 642 papéis) estão datados; dos restantes 260, alguns são datáveis de forma aproximativa, recorrendo a critérios de proximidade em relação a outros com as mesmas características físicas, ou a critérios internos da matéria da própria escrita.

O «avulso» é a expressão acabada da escrita que ainda o não é, e já vai a caminho, já nasceu, começa a germinar, para crescer ou se mostrar no esplendor já maduro de uma frase, na janela semi-aberta de um enigma que o texto desdobrará. Fragmentário, e aquém do fragmento, escrita esburacada, impulsiva mas muitas vezes logo incisiva e luminosa, o papel avulso que não tem lugar (por vezes nem data) de nascimento certo, é mais filho da visão do que da ideia, é o prolongamento espontâneo dos sentidos, sobretudo do olhar. Num dos cadernos manuscritos de Maria Gabriela Llansol, em 16 de Maio de 1998, lê-se: «Observar é o

primeiro modo de escrever; o primeiro entre outros igualmente principais. Mas o que eu não quis ver — não escrevi.» (Caderno 1.51, p. 8)

Esta forma particular de infância da escrita, frágil, informe, despojada, acomoda-se a qualquer lugar. Na sua incontida urgência, ou também no vagar que a viu nascer à mesa do café, num momento de espera, em viagem, qualquer suporte lhe serve, pede abrigo a fichas, folhas soltas de vários formatos, com uma única frase ou com vários tufos de escrita em labirinto, já usadas ou impressas de um dos lados, a envelopes que denunciam ligações, guardanapos de mesa de café ou restaurante, jornais, programas de espetáculos, plantas de cidades, postais, marcadores de livros; e usa até, no início, as bases dos copos de cerveja que, na Bélgica (em Lovaina ou Bruxelas), albergam fragmentos de diálogos amorosos muito particulares... — para não falar já das páginas dos próprios livros, no caso das marginalia, a perder de vista, que recolhemos um dia dos cerca de 2500 volumes da biblioteca pessoal de Llansol.

Tudo isto se encontra no imenso conjunto de papéis avulsos que foram surgindo neste espólio — quase dois mil, entre os que fomos descobrindo em todos os lugares da casa que foi a sua, em gavetas, em livros, misturados com correspondência, e aqueles, cerca de mil, que ela deixara disseminados pelos cadernos manuscritos, onde ficaram depois de classificados.

Desde a adolescência que estes papéis avulsos, ou semi-avulsos (conjuntos de várias folhas com sequência ou ligação temática, contos juvenis manuscritos e agrupados em folhas soltas), dão conta de uma pulsão de escrita permanente e incontrolável, que acontece em qualquer lugar e a qualquer hora. As aparas da escrita e dos dias nos papéis avulsos espelham, com os cadernos, o respirar diário de um ser-de-escrita para quem o mundo e a experiência só existem quando ganham esse corpo, essa volátil e sólida existência de papel. Llansol escreve, anota, trans-

creve, para sentir na letra a respiração do ser, os ritmos de existir, a mão a entrar no pensamento. É neste sentido, simples e profundo, que se deve entender o seu dictum «Escrever é o duplo de viver».

Sendo a maior parte das vezes resultado da circunstância e do lugar, o suporte não era de todo indiferente ao quotidiano de escrita de Llansol. Há fases em que predomina o registo de impressões em fichas de vários tipos e cores, com frequência, mas sem sistema; no espólio existem, para além dos papéis avulsos, doze blocos de notas e dezenas de pequenos cadernos de bolso que serviam a mesma finalidade; e as cinquenta e três agendas estão cheias de momentos de escrita que transcendem em muito o circunstancial. Mas todos os suportes de escrita estão ao mesmo nível, e muitas vezes as fulgurações, as leituras do mundo, as imagens, transitam de uns para os outros neste rio de escrita sem margens que se perde nos meandros de um gigantesco delta. E certas preferências, também no que se refere aos instrumentos de escrita (quase sempre esferográficas de várias cores, ou o lápis, mas também a caneta de tinta permanente, mais raramente as canetas de feltro) ou aos cadernos, escolhidos com critério estético ou funcional, quando não chegavam por mão amiga, são aqui e ali explicitamente formuladas. Assim:

«_____ gosto mais de escrever em papel fino do que em papel grosso porque, escrevendo, estou já sentindo o voltar volátil da página. Se fosse um mero sentimento pessoal, eu nada diria que transparecesse, mas tem a ver com o movimento, o momento e a precariedade da escrita. Tem a ver com a companhia do texto imediato que se levanta para, numa perda de continuidade, dar lugar a outro.» (Caderno 1.51, 1998, p. 7).

Ou:

«É bom escrever com uma caneta nova, como aquela que eu tive pela primeira vez.» (avulso intitulado «Cópia» [FAMs0779r]).

Os avulsos de Llansol, na sua grande diversidade, são, como ela própria sugere, uma espécie de terreno inculto onde «todo o escrito está plantado», ou talvez, mais propriamente, um terreno de sementeira onde começa a germinar o pensamento ou se vê já desabrochar a escrita, de forma mais ou menos desordenada, em alguns casos pequenas narrativas autónomas ou mesmo toda a estrutura de um livro, como no exemplo das fichas de formato A5 e várias folhas A4 (provavelmente de 1972-73, em Lovaina), que contêm o que pode ter sido o nascimento d’O Livro das Comunidades. Nesses papéis vai caindo, desde os anos de Lovaina, nas décadas de sessenta e setenta do século passado, até à penúltima jornada desta vida, a palavra imediata de Llansol, a que ela um dia se referiu como «essa palavra que agora brilhava como um vidro sob a oscilação do luar» (Caderno 1.51, p. 64, 18 de Junho de 1998).

3. Critérios de organização e edição

A organização deste Livro de Horas especial, em dez secções, resulta da natural diversidade da escrita dos avulsos ao longo dos anos, mas orienta-se também — sobretudo naqueles papéis menos facilmente situáveis no espaço de nascimento de um livro, de leituras feitas, de lugares geográficos ou de escrita — por tópicos que correspondem à respiração habitual do texto de Llansol, visíveis nos títulos (da minha responsabilidade, mas seguindo acenos da própria autora) de algumas das secções do livro: «Paisagens da alma e vibrações do corpo», «Sendas do quotidiano», «Pensamentos com imagens», «Visões, lampejos, restos...» ou «O acto de escrever».

- Segui, na organização e transcrição dos textos, os seguintes critérios:*
- *Não se pretendeu fazer uma edição crítica, nem uma transcrição integral de todos os papéis avulsos (pelas razões já assinaladas), mas simplesmente estabelecer um elo de continuidade entre os livros publicados e os materiais inéditos, como sabemos que a própria autora o iria fazer, de modo a oferecer aos seus «legentes» edições de leitura afins dos Diários já editados.*
 - *Os textos transcritos neste Livro de Horas provêm dos papéis avulsos manuscritos (alguns também dactiloscritos) encontrados no espólio de Maria Gabriela Llansol (num total de 902, entre datados e não datados), sem levar em conta (a não ser em meia dúzia de casos de excepção) os que estão inseridos nos Cadernos, que a seu tempo irão entrando nos Livros de Horas cronológicos.*
 - *Incluem-se nos Livros de Horas todos os textos e anotações dos avulsos, à excepção de fragmentos já incluídos em livros (a não ser quando surgem em variantes com contextos muito diferentes, mais pormenorizados e mais esclarecedores), de frases ou fragmentos soltos ou sem conexão e de anotações com carácter meramente mnemónico ou circunstancial.*
 - *Incluem-se igualmente reproduções (passadas a preto-e-branco) de páginas manuscritas ou dactiloscritas, e ainda de desenhos de Maria Gabriela Llansol, levando em conta a originalidade de alguns suportes, a configuração especial de alguns textos ou desenhos e, em certos casos, o impacto visual de alguns desses papéis (envelopes, folhas com correcções, «novelos» de escrita, as bases de copos de cerveja da fase da Bélgica, etc.). E inserem-se ainda algumas fotografias de lugares e objectos significativos na biografia e na escrita da autora. A descrição física de cada*

avulso, inserida no final do texto transcrito, fornece informação exacta sobre tipos e formatos de papel, suportes e instrumentos de escrita, cores de tinta e correcções ou acrescentos manuscritos em papéis dactiloscritos.

A intervenção editorial resume-se, como nos Livros de Horas anteriores, a:

- *uniformização gráfica do texto;*
- *actualização ortográfica e eventual correcção de lapsos, incongruências ou falhas de concordância;*
- *desdobramento de abreviaturas e siglas;*
- *tradução de textos em francês, que vão assinalados, no princípio e no fim, com um asterisco (*...*).*
- *inserção de notas de rodapé, sempre que se justifiquem, nomeadamente para identificar as edições de obras lidas ou comentadas por Llansol, e que se encontram na sua biblioteca, para elucidar nomes ou termos menos correntes ou identificar ligações com livros da Autora.*

Sinais utilizados na transcrição:

- *palavras, expressões ou letras entre parêntesis rectos ([...]) são da responsabilidade do organizador.*
- *as leituras conjecturais vão assinaladas a seguir à respectiva palavra, com interrogação entre parêntesis rectos ([?]).*
- *as barras, com espaços, entre palavras ou expressões (/) indicam alternativas de Llansol no texto manuscrito.*
- *os fragmentos não datados vão assinalados com s.d..*
- *as siglas utilizadas na classificação do espólio de M.G. Llansol, inseridas no final de cada fragmento, significam, no caso dos avulsos:*

- *FA* = *folha avulsa*
- *ms* = *manuscrita*
- *da* = *dactiloscrita*
- *dm* = *dactiloscrita com acrescentos ou correcções manuscritos*
- *r* = *recto (frente)*
- *v* = *verso*

Sintra / Espaço Llansol, 9 de Junho de 2014

4 de Agosto de 1983

Autocarro para Herbais

É uma situação que rasga caminhos e feridas. É uma atitude que mistura o velho com o inédito, e de que eu não conheço o desfecho certo, só o desfecho plausível. Como se amam, no absoluto e sensualmente, três humanos? Amam-se mais variadamente, com uma meta de amor e intimidade absolutos, ou acabam por desistir ou detestar-se. São perguntas que faço, se[m] se transformarem em ansiedades, com projecção certa sobre o dia. Nós damos imagens possíveis, mas respondem-nos com a prudência e com a espera. Eu não sei se é este ou se é aquele, se é agora ou logo — por companheiro o meu medo tranquilo.



(Avulsos FAMS0163r | 0164v.
Envelope branco, formato 19,3x11 cm, frente e verso. Esferográfica azul)

s.d. [1983?]

Minha mãe

Vivi no seu corpo. Não poderei esquecê-lo: era o paraíso.

Estas noites fazem-me febre: o que sou eu, para desejar, no mesmo hausto, o homem que dorme no leito e a mãe que está sentada à mesa do jardim, tentando arrumar o seu passado, e já com mais esperança no futuro? De que se nutre então a minha alma, essa corda a vibrar no tempo?

(Avulso FAmS0193r.

Verso de ficha verde, formato A5. Lápis)

s.d. [1983?]

O viajante holandês

Vê-lo em frente do viajante português, consolava-me como uma pintura dos antigos: o tempo é uma tortura quando o fazemos funcionar por relógio e por medida. Instrumentos ópticos atravessavam o ar com suas forças — ventos, nuvens, águas, nevoeiros —, que caíam sobre Joana.

Cada um de nós a amava tão intensamente — e talvez tão ineficazmente —, que queríamos lançar sobre ela a parte mais fina das nossas paisagens natais para a proteger.

Para Jacob, eram os *polders*; os moinhos de vento que accionavam bombas para fazer secar as terras;